



## **USO TRADICIONAL DA SEIVA DA BANANEIRA (*Musa sp.*) COMO CICATRIZANTE**

**Correia, K.V.<sup>(1)</sup>; Arruda, G.B.<sup>(1)</sup>; Vieira, R.L.<sup>(1)</sup>; Silva, R.C.R.<sup>(1)</sup>; Torres, M.C.G.<sup>(1)</sup>;  
Silva, R.N.<sup>(1)</sup> keniaandaluz@gmail.com**

<sup>(1)</sup>Universidade Federal de Pernambuco UFPE, Recife – PE.

### **RESUMO**

De acordo com a revisão bibliográfica, em comunidades rurais e tradicionais de diversos países, é comum o uso da seiva da bananeira (*Musa sp.*), como alternativa para cicatrização de cortes e feridas de diferentes etiologias. Em Pernambuco, entre as comunidades rurais, encontra-se, além do uso acima citado, o uso durante processos de castração de suínos, caprinos e ovinos, como coagulante para evitar hemorragias decorrentes do processo. Os objetivos desta pesquisa foram registrar o uso da seiva da bananeira (*Musa sp.*) em três comunidades rurais de Pernambuco; identificar e quantificar a presença de tanino na mesma, com vistas a fundamentar essa utilização empírica, testada entre as comunidades. As informações etnobotânicas foram obtidas através de 150 entrevistas semiestruturadas e sinalizam o uso da seiva para fins medicinais. Para análise dos teores de taninos de acordo com o método calorimétrico de Folin-Denis, AOAC (2002), a seiva foi colhida nos pseudocaules de três exemplares adultos de *Musa sp.*, e imediatamente levada ao Laboratório de Experimentação e Análise de Alimentos (LEAAL) da UFPE. As análises revelaram

um total de 0,98 g/l de taninos, concentração que possibilita ação fungicida e bactericida, de acordo com a literatura.

**Palavras-chave:** Etnobotânica; Fitoterapia; Comunidades Rurais.

## INTRODUÇÃO

Durante milhares de anos, a terapia das patologias quer humanas quer dos animais utilizados pelo homem, estava centrada no uso das plantas medicinais e não raro associada a práticas ritualísticas relacionadas à religião e magia. No entanto, segundo PAES (2004), a partir da segunda metade do século XX, a credibilidade e aceitabilidade sobre a eficácia das plantas medicinais diminuíram consideravelmente no seio da comunidade científica e conseqüentemente da população. Esse fato coincidiu com o grande avanço, nas últimas décadas desse mesmo século, na investigação científica dos fitoterápicos, particularmente no concernente aos estudos sobre o isolamento de seus princípios ativos e fabricação sintética daqueles. Com a utilização dos princípios ativos isolados ou sintéticos, registros sobre efeitos adversos começaram a ser verificados, forçando uma revisão e reflexão criteriosa sobre os riscos do uso de medicamentos. Assim, nos dias atuais, apesar da tendência globalizada pela preservação ambiental, pela busca do “natural” para garantir saúde e melhor qualidade de vida, segundo PAES (Op. Cit.)

entre a população mais jovem, se registra um decréscimo da credibilidade na utilização das plantas para fins terapêuticos, conseqüentemente perda de parte da cultura tradicional sobre as plantas medicinais e seus usos. Isto pode ser justificável, possivelmente, pelo fato desta parcela da população ter vivido o auge do uso dos medicamentos sintéticos, oriundos da evolução da síntese dos princípios ativos de plantas medicinais.

Não obstante, motivados pela tendência global acima mencionada, a utilização dos fitofármacos vem sendo impulsionada e o estudo de plantas medicinais, agora com o rigor técnico de pesquisa, vem ganhando espaços cada vez mais significativos em inúmeros trabalhos científicos. Ao mesmo tempo em que uma tendência ao resgate do conhecimento e utilização das plantas, tem sido igualmente estimulada nos meios acadêmicos. Neste contexto, a partir da revisão bibliográfica supracitada, pode-se constatar que o uso da seiva da bananeira (*Musa sp.*), como alternativa farmacológica para cicatrização de lesões, ocorre entre comunidades tradicionais de diversos países.

No Brasil, esse uso tem sido referenciado entre as comunidades rurais assim como, entre as diferentes comunidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas; no Nordeste, particularmente em Pernambuco, entre as comunidades rurais, não raro encontra-se o uso da seiva como

prática comum, durante processos de castração de suínos, caprinos e ovinos. Este uso é referenciado como coagulante para evitar hemorragias decorrentes do processo de castração a qual, normalmente ocorre sem o acompanhamento de um médico veterinário. Além disso, é também comum encontrar, nessas mesmas comunidades, a utilização da seiva da bananeira em adultos e crianças, como medicamento fitoterápico cicatrizante de ferimentos e úlceras diversas quer externas, quer do trato digestivo.

As práticas acima citadas sugerem que na seiva da bananeira, existem efetivamente substâncias coagulantes, cicatrizantes e anti-inflamatórias, possibilitando que o seu uso na farmacopeia popular não se trate apenas de mito. Contudo, na revisão bibliográfica realizada em vários artigos científicos e sites que abordam plantas medicinais, fitoterapia, e medicina alternativa, não foi encontrado nenhum trabalho científico que corrobore as propriedades medicinais dessa substância.

Assim, este trabalho tem como objetivos, registrar o uso da seiva da bananeira em comunidades rurais do Estado de Pernambuco, identificar e quantificar a presença de tanino na seiva, com vistas a fundamentar essa utilização, empírica, testada entre as comunidades.

## MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa foi desenvolvida no período de julho de 2009 a julho de 2012. A coleta dos dados sobre a utilização da seiva de *Musa sp.* foi realizada nas comunidades de Alagados e Brejos Velhos no Município de Sairé, latitude 08° 19' 39" S e longitude 35° 42' 20" W, e na comunidade de Santa Luzia, no Município de Camocim de São Felix, latitude 08° 21' 31" S e longitude 35° 45' 43" W. Ambos Municípios localizados na Região do Agreste do Estado de Pernambuco distando, cerca de 110,7 km o primeiro e 113,7 km o segundo, da capital Recife. Para a coleta de informações sobre o uso da seiva, na primeira etapa da pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico e uma pesquisa exploratória que consistiu em visitas informais às comunidades, no intuito de criar uma maior aproximação com os moradores antes de iniciar as entrevistas. As metodologias utilizadas para a coleta das informações foram: listagem livre e entrevista semiestruturada, utilizando um protocolo de entrevistas com perguntas sobre a caracterização do informante como a idade, seu grau de instrução e atividade trabalhista. Para o levantamento de informações sobre a utilização da seiva da bananeira foram realizadas perguntas abertas sobre: a importância que atribuem à bananeira, partes utilizadas, propriedade medicinal e modo de utilização. A idade da maioria dos entrevistados estava entre 18 e 80 anos. Optou-se por entrevistar os

moradores jovens-adultos e adultos, homens e mulheres, que costumam fazer uso de plantas medicinais no seu cotidiano. As entrevistas foram acompanhadas por uma moradora local que facilitou o acesso as residências. As entrevistas foram realizadas nos horários que os informantes disponibilizavam. Também foram entrevistadas pessoas idosas, considerando-as como detentoras e transmissoras do conhecimento acumulado pela comunidade. Os informantes foram selecionados de início, ao acaso e, posteriormente, conforme indicação das pessoas já entrevistadas, de acordo com o conhecimento que possuíam sobre o uso medicinal da bananeira. Antes das entrevistas, para cada participante foram explicados os objetivos da pesquisa e solicitado o Consentimento Prévio para a realização da mesma. Estando de acordo, o informante assinava o Termo de Consentimento e só então era iniciada a coleta de dados. Era solicitado aos informantes, utilizando-se da Listagem Livre, mencionar quais os usos medicinais da bananeira que eles conheciam. Uma vez a Listagem concluída, buscando-se informações específicas, sobre a utilização da seiva, se dava início à entrevista semiestruturada (ALEXIADES, 1996). Através da entrevista semiestruturada foi possível analisar também quais partes da planta são usadas nas comunidades estudadas e da análise qualitativa dos dados obtidos, por meio das perguntas abertas, pode-se identificar aspectos sobre a importância da bananeira para os entrevistados. Nessa

perspectiva, uma das ferramentas utilizadas na coleta de dados qualitativos foi o diário de campo, documento pessoal, onde se registra percepções sobre as relações do pesquisador com as pessoas e a situação de campo. Os usos da bananeira pela comunidade foram categorizados quanto às indicações terapêuticas de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde (WHO 2007). Para a obtenção de informações sobre o uso da seiva as perguntas foram centradas no uso como anticoagulante, anti-inflamatória, cicatrizante e antimicrobiana.

A coleta direta da seiva e análise laboratorial da mesma foram realizadas, no campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na Cidade do Recife. A seiva liberada pela planta, foi colhida nos pseudocaulis, de três exemplares adultos de *Musa sp.*, a aproximadamente 1,0 m de altura do chão. Para tanto, foram abertas cavidades com 5,0 cm de altura, 2,0 cm de profundidade e 3,0 cm de largura, utilizando-se no procedimento um estilete e recipiente coletor de plástico, com capacidade de 20 ml. Toda a seiva obtida em cada coleta foi imediatamente levada ao Laboratório de Experimentação e Análise de Alimentos (LEAAL) da UFPE para análise dos teores de taninos, de acordo com o método calorimétrico de Folin-Denis, conforme AOAC (2002).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das três comunidades estudadas, foram entrevistados 150 adultos, constata-se esta que pode concorrer para proporcionar, às informações obtidas uma maior confiabilidade. Na comunidade de Santa Luzia, de acordo com informante local, residem 300 moradores, dos quais 100 adultos (60 homens e 40 mulheres) foram entrevistados. Deste universo amostral, 72% informou ser a seiva da bananeira um “excelente cicatrizante de cortes e feridas” e sua utilização na prática de castração de animais para “parar de imediato a hemorragia”. Nas pequenas comunidades de Brejos Velhos e Alagados, que juntas possuem um total de 150 moradores, dos quais, segundo informante local, 80 são adultos, deste universo foram entrevistados 50 indivíduos (17 homens e 33 mulheres). Encontrando-se, que 40% de todos os entrevistados indicaram a seiva da bananeira como cicatrizante de cortes e feridas, sendo utilizada frequentemente para “estancar “o sangue na ocasião da castração de animais. Apesar de mencionar o uso da seiva imediatamente após a sua coleta, nenhum dos entrevistados referiu medidas de higienização da planta antes deste procedimento, nem especificou a posologia adequada a ser utilizada. Além do uso da seiva, o conhecimento sobre as partes da bananeira utilizadas para fins medicinais nas três comunidades analisadas, através do uso da Listagem livre - permitiu identificar ,3 partes: Folhas, Inflorescência e Frutos. A



identificada com maior número de citações foi a folha (82% - uso externo -aplicação direta através de compressas para cicatrização de problemas na pele tais como cortes, feridas, furúnculos, picadas de insetos e queimaduras e uso interno – chás por decocção para problemas do trato digestório), Inflorescência (8%- Uso interno ´- Como lambedor e chá por decocção para problemas do trato respiratório) e o Fruto (10% - Uso interno -ingestão e Uso externo – cataplasma, ambos os usos para problemas digestório tais como úlceras, gastrites, flatulência) .Com relação ao armazenamento 75% das citações referem o uso imediatamente após a coleta das partes a serem utilizadas e remetem como medidas de higienização a lavagem daquelas em água corrente. Quanto as indicações terapêuticas das partes da planta as categorias mais representativas foram as relacionadas a doenças ou traumatismos que necessitam medicamento com ação bactericida, fungicida, coagulante e cicatrizante de uso tópico externo (87%). Estas indicações foram relacionadas ao uso tópico da folha que guarda relação direta com o pseudocaule de onde é extraída a seiva. No presente estudo com relação ao uso medicinal da seiva, os homens apresentavam maior conhecimento, quiçá devido ao fato de que a castração de animais é geralmente uma atividade relacionada ao gênero masculino enquanto o conhecimento da diversidade do uso medicinal das partes da bananeira foi maior entre as mulheres. Nenhum dos entrevistados fez referência

explícita ao uso das partes da bananeira ou da seiva como algo que poderia trazer danos à saúde, apenas quatro entrevistados 3 mulheres e 1 homem idosos aconselharam que “não se pode ingerir a seiva pura, tem que misturar com água”.

Com relação às análises laboratoriais, das amostras da seiva coletada, estas revelaram resultados positivos quanto a presença de taninos, obtendo-se em todas elas, um total de 0,98 g/l deste composto. Este dado torna-se significativo, quando comparado com os resultados obtidos por alguns autores como CASTRO e Colaboradores (1999), que afirmaram que diferentes espécies de bactérias, dentre elas *Staphylococcus aureus*, *Streptococcus pneumonia*, *Bacillus anthracis* e *Shigella dysenteriae* são sensíveis aos taninos, e que estes, à concentrações de 0,5 g/l inibem o crescimento do fungo *Fomes annosus*. Por outro lado, de acordo com RAUHA (2000), DEGÁSPARI e NINA (2004), HSIEH e Colaboradores (2004), os taninos são metabólitos secundários de plantas, que desempenham diversas funções de defesa nos vegetais e vem sendo estudados como agentes com funções antioxidantes, antimicrobianas, anti-inflamatórias, vasodilatadoras, antitumorais e antivirais, inclusive em estudos direcionados ao combate da AIDS.

Ainda com relação à sua ação antisséptica, BARBOSA-FILHO (1997), relata que a inibição do desenvolvimento de micro-organismos nas mucosas e tecidos lesionados, tratados com taninos é explicada pelo fato destes compostos, precipitarem as proteínas das células superficiais formando revestimentos protetores e DESHPANDE e Colaboradores (1986), afirma que pela sua capacidade de se combinar com proteínas da pele animal, os taninos inibem o processo de putrefação desta.

Não obstante, a grande quantidade de estudos sobre a quantificação e ação dos taninos (MONTEIRO e Colaboradores, 2005), são escassos aqueles que relacionam o seu teor e ação medicamentosa, na utilização de plantas medicinais pelos diferentes grupos populacionais. Particularmente com relação a utilização da seiva da bananeira, apesar de na pesquisa bibliográfica realizada não se haver encontrado citações científicas que validem o uso desta como cicatrizante, referências sobre esta prática podem ser encontrada em livros como o de CARIBÉ e CAMPOS (1991). Em atenção ao que propõe o Código de Ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia (ISE 2006), o retorno dos resultados do presente estudo se deu em forma de apresentação oral dos mesmos, em uma reunião organizada pelos representantes das comunidades analisadas.

## CONCLUSÃO

Os resultados obtidos, apontam que o uso da seiva da bananeira como cicatrizante, por comunidades rurais, pode ser respaldado pelo teor da concentração de taninos, encontrado na mesma, na presente pesquisa.

Os resultados evidenciam ainda, a necessidade do aprofundamento de investigações que determinem todos os compostos presentes nesta substância, como por exemplo outros flavonoides, elucidem a relação teor e ação cicatrizante destes encontrados na seiva e relacionem fatores que possam provocar efeitos fisiológicos adversos.

O estudo apresenta ainda a diversidade de indicação do uso medicinal da bananeira por parte dos moradores das comunidades rurais dos Municípios cenário do presente estudo.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIATION OF OFFICIAL ANALYTICAL CHEMISTS – AOAC. **Official methods of analytical of the Association of Official Analytical Chemists**. 17 Ed. Gaithersburg, v.2, cap. 6. 2002.

ALEXIADES, M.N. **Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques**. In: Alexiades, M.N. (ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York, The New York Botanical Garden, 1996.

BARBOSA-FILHO, J. M. Quimiodiversidade e potencialidade farmacológica da flora paraibana. **Caderno de Farmácia**. v.13, n.2, p.85-102. 1997.

CARIBÉ, J.; CAMPOS, J. M. **Plantas que ajudam o homem – Guia prático para a época atual**. Ed. Pensamentos LTDA. São Paulo, SP. 321p. 1991.

CASTRO, H. G.; CASALI, V. W. D.; BARBOSA, L. C. A.; CECON, P. R.; Rendimento de tanino em dois acessos de carqueja (*Baccharis myrioccephals*), em diferentes épocas de colheita em Viçosa-MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. V.1, n.29, 1999.

DEGÁSPARI, C. H.; NINA, W. Propriedades antioxidantes de compostos fenólicos. **Rev. Visão acadêmica**, Curitiba, v.5, n1, p. 33-40. 2004.

DESHPANDE, S. S. ; CHERYN, N. ; SALUNKE, D. K. Tannin analysis of food products. **Critical reviews in food science and nutrition**. Cleveland. v.24, n.4, p.401-449.1986.

HSIEH, P.; CHANG, F.; LEE, K.; HWANG, T.; CHANG, S; WU, Y. A. A new anti-HIV alkaloid, drymaritin, and a new c-glycoside flavonoid, diandraflavone, from *Drymaria diandra*. **Journal of Natural Products**. v.67, p.1175-1177. 2004.

International Society of Ethnobiology (ISE). Código de Ética. [http://ise.arts.ubc.ca/global\\_coalition/ethics.php](http://ise.arts.ubc.ca/global_coalition/ethics.php). 2006. (Acesso em 03/02/2013).

MONTEIRO, J. M.; ALBUQUERQUE, U. P.; ARAÚJO, E. L.; AMORIM, E. L. C. Taninos: uma abordagem da química à ecologia. **Rev. Química Nova**, v.28, n.5. 2005.

PAES, M. P. C. E. **Aceitabilidade e uso de plantas medicinais na população do bairro Guarani em Uberlândia** - MG. Trabalho de Conclusão de Curso Livre de Fitomedicina. Uberlândia: Fundação Herbarium de Saúde e Pesquisa & Asociación Argentina de Fitomedicina, Minas Gerais. 2004.

RAUHA, J. P. Antimicrobial effects of Finnish plant extracts containing flavonoids and other phenolic compounds. **International Journal of Food Microbiology, Amsterdam**: v.56, p.3-12. 2000.

World Health Organization (WHO). International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems. 2007.10th revision. <http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online/> (acesso em 12/03/2013).